



O fazer e a fala dos (as) alunos (as) da escola pública brasileira

Autor (1) Liliane Aparecida Freitas Lins; Co-autor (1) Cézar da Silva Ferreira; Co-autor (2) Nayhara Gabriela Lopes Bezerra; Orientador (1) Prof^a. Dr^a. Ofélia Maria de Barros

Universidade Estadual da Paraíba- UEPB liaflins@gmail.com, Universidade Estadual da Paraíba-UEPB nayharagabriella@gmail.com, , Universidade Estadual da Paraíba- UEPB ofelia.barros@hotmail.com.

RESUMO

O presente artigo tem por finalidade apresentar o trabalho de pesquisa contemplado através do relatório final, enviado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), que recebeu o nome de: A educação entristecida: a escola por seus protagonistas professores (as) e alunos (as), vinculado ao Núcleo de Estudos Afro-brasileiro e Indígena, NEAB-Í, da Universidade Estadual da Paraíba. Por meio de conversas gravadas, utilizando assim o método de história oral, com jovens entre quinze e dezoito anos, que frequentam o ensino médio público. A pesquisa foi feita na cidade do Congo, localizada no cariri paraibano e na cidade de Santa Cruz do Capibaribe, que encontra-se no agreste pernambucano. Mesmo com a distância geográfica, foi perceptível que os alunos possuem ideais extremamente parecidos sobre a visão que eles têm da escola atual, dos seus professores, de como eles percebem esse signo dentro do aprendizado metodológico e em meio a sociedade, além de seus desejos de que a escola se torne um ambiente diferente, onde atenda realmente aos interesses dos alunos. Durante as conversas foi perceptível um desânimo entre os adolescentes, porém conceitos, que apesar de não serem discutidos em sala, ainda assim são construídos pela escola, os professores e pela sociedade, de forma que resulta em falas ditas várias vezes. Durante a pesquisa foi compreendido que a educação brasileira, apesar de ter passado por mudanças, ainda está pautada no modelo positivista da escola francesa, onde os professores ditam regras e fórmulas e seus alunos, apesar de não sentirem motivação, ouvem e absorvem todas as informações, que os mesmo não encontram uma finalidade para suas vidas além do ambiente escolar.

Palavras chaves: Educação, estudantes, ensino, história oral.



INTRODUÇÃO

O Brasil historicamente foi um país, segundo Veiga (2008), agrário-exportador-dependente, onde a metrópole o explorava, e a educação não era considerada importante para a formação das massas. Dessa forma existiam dois modelos educacionais, aquele repassado aos indígenas onde estes eram catequisados pelos jesuítas e ainda a educação dada a elite, que visava formar um homem universal, humanista e cristão, ou seja, baseado na Ratio Studiorum.

Ainda segundo Veiga, o modelo de aulas era um estudo privado, onde o mestre ditava os horários a serem cumpridos, a matéria, o método de estudo; de maneira que as aulas eram expositivas, onde era exaltado o repetir, o decorar e em que os testes eram orais, tendo por objetivo avaliar o desenvolvimento dos alunos, era uma rotina comum a elite colonial, ou seja entre o período de 1549 até 1930.

A escola brasileira atual não é tão diferente daquela vigente durante o período colonial, onde um professor detentor do conhecimento o repassa aos alunos, que em muitos momentos não desejam ali estar, mas o fazem por existir um ideal construído, de que aquele ambiente vai proporcionar uma vida melhor, que a escola enquanto instituição vai possibilitar que cada um daqueles jovens que estão lá dentro possam trabalhar em empregos que povoam seus imaginários.

Dessa maneira a instituição escolar, possui esferas, características que vão formar sua estrutura, como Corazza (2008) apresenta, os professores (as) sentem-se entristecidos por não possuírem alunos modelo, os alunos (as) por sua vez, desejam serem reconhecidos por seus mestres, pois os jovens por vezes não se compreendem ainda, ainda seus funcionários, que por estarem em um sistema público dependem que uma coligação partidária ganhe, as famílias por sua vez pouco participam da escola, fazendo do ambiente onde seus filhos são “depositados” para que assim os professores (as) eduquem as crianças, é há está instaurado o conflito, pois se a família educa de uma determinada forma, a escola ensina de outra e surge assim um desacerto entre ambos os lados.

Segundo Tomaz Tadeu da Silva (2006), outro signo importante da escola é o seu currículo, esse que vai formar o ambiente de lutas entre a cultura social e a cultura política, ou seja, dentro da escola é ensinado o que um



determinado grupo quer; grupo esse representado por homens detentores de poder. O currículo então, organiza não apenas disciplinas como também o papel de cada ator dentro da sala, onde o professor fala e os alunos obedecem, por fim, enquanto alguns saberes sofrem inclusão dentro da sala, outros são relegados ao esquecimento. Esse mesmo currículo vai então produzir seus sujeitos, e as suas falas, mesmo que não exista uma reflexão acerca.

Dessa forma a pesquisa, através do método de história oral, focou em ouvir os estudantes, procurando perceber quais as suas falas, as dúvidas, o que desejam para seus futuros. Todavia esses alunos por vezes ao falar mostravam ter ideais formados, mas não conseguiam explicar o porquê de pensarem assim. É perceptível que a escola, difere do que ela propaga, não ensinando aos seus jovens a pensarem de maneira crítica, mas busca formar massas, que possam trabalhar em atividades que não exista uma grande necessidade de pensamento.

O alunado por diversos momentos não compreende o que os professores desejam ensinar, para eles há momentos em que os mestres fogem daquilo que estão ensinando ou quando o ensinam, mas não se preocupam com o aprendizado individual de cada aluno. Há também uma reclamação recorrente sobre não existir um apoio psicológico dentro das escolas, ambiente esse que crianças e adolescentes passam um período longo dos seus dias.

O trabalho realizado se propôs a estudar, pesquisar sobre o que causa mal estar nos alunos dentro de um ambiente que deveria proporcionar a curiosidade, o estudo pelo novo, descobertas que possam trazer benefícios para toda a comunidade, não só a acadêmica, como também a leiga.

MÉTODOS

O projeto se deu inicialmente pela leitura e discussão dos textos “Violar Memórias e Gestar a História: Abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um ‘parto difícil’” do professor Durval Muniz de Albuquerque Jr., “A fecundidade da História Oral” de Etienne François, presente no livro “Usos & Abusos da História Oral” e “O currículo como fetiche: A poética e a política do texto curricular” de Tomaz Tadeu da Silva, junto a orientadora Ofélia Maria de Barros em dias pré-estabelecidos. Por meio da leitura que François aborda e com a orientação da professora ocorreu a criação de temas que seriam norteadores para abordar-se junto aos entrevistados,

onde as entrevistas foram gravadas e ao fim digitalizadas.

A segunda etapa da pesquisa se deu então com entrevistas realizadas junto aos alunos. Através das entrevistas foram ouvidos dez alunos (as), entre os quais seis eram meninas e quatro meninos, com faixa etária entre quinze e dezoito anos, sendo quatro adolescentes matriculados em uma escola de ensino integral, na cidade de Santa Cruz do Capibaribe, Pernambuco, e seis jovens que frequentam o ensino regular, com aulas ministradas no período da tarde, na cidade do Congo, Paraíba.

Foram feitas seis entrevistas individuais e duas entrevistas com duplas, onde houve questionamentos acerca de como os estudantes entendem a escola, e qual a importância desse espaço nas suas vidas; se a escola atual desenvolve melhoras para a comunidade; qual a relação dos professores com os alunos (as), e se os mestres demonstram gostar da vida em sala de aula; como os conteúdos são ministrados em sala de aula e através de quais materiais didáticos, dando destaque ao estudo da política, se esse debate existe ou não durante as aulas, além de questionar se os jovens viam rixas acerca de partidos opostos durante períodos que ocorreriam eleições, tendo em vista que as cidades são pequenas, e existindo divisões partidárias acirradas. Durante as conversas também foi questionado a esses estudantes se os mesmos exerciam atividade remunerada e como seria a conciliação entre o estudo e o trabalho, mas também foi feito o questionamento sobre a situação oposta, ou seja, como esses alunos (as) praticam o lazer nas escolas e fora dela. Dessa forma a pesquisa com os alunos teve seu início em março de 2017 e teve conclusão em junho de 2017.

Logo após a coleta dos dados foi feita uma análise as entrevistas, procurando entender o que os alunos compreendiam instituição escolar, objetivou-se aqui ver a relação que as escolas e os currículos tem em comum com as ideias inflexíveis de educação que vem do projeto de modernidade que grita no Brasil desde a nova época no início do século XX.

Para estudar o conceito de memória, trabalhamos com a conceitualização de Durval Muniz, onde a memória é colocada em análise, as memórias dos professores e alunos reproduzida a partir de suas falas vão ser aqui violadas, estão cobertas de análise sendo assim, segundo Muniz (1996) vão deixar de ser memória e passar a ser história.

Ao final das conversas era pedido para que cada um dos entrevistados falasse sobre como eles enxergam a escola em seu momento presente e como eles desejariam que essa



escola realmente atuasse, qual o modelo perfeito para eles.

RESULTADOS

Para os entrevistados a função da escola é mais de os ensinar métodos facilitadores para que entrem em uma universidade, um curso técnico e assim obtenham os empregos sonhados, não sendo feito em momento algum alusão, segundo os adolescentes, de que a escola e a família deveriam atuar em comunhão, para eles é a escola a instituição que deve formar o caráter dos jovens, entretanto é uma formação que perceptivelmente não existe, pois há muitos relatos de bullying entre seus protagonistas mais jovens.

Durante as conversas quando o assunto sobre política era questionado, os discentes relatavam que pouco trabalham o tema em sala, não sabendo por vezes distinguir entre política e politicagem, gerando de tal maneira falas que apresentam determinadas ideias:

“Entrevistadora: E qual a relação da escola com a política? Vocês trabalham em alguma matéria, a questão da política?”

Aluna 6, 15 anos, do 1º ano do ensino médio: Eu acho assim, tem professor que trabalha, mas eu acho que não é certo trabalhar coisa de política dentro da escola.

Entrevistadora: Por que você acha que não é certo?

Aluna 6, 15 anos, do 1º ano do ensino médio: Porque, eu acho que não é bom trazer isso pra escola, tem umas pessoas que fica jogando conversa a fora. Não é importante.”

Aparentemente há um embate a partir de determinados partidos políticos, tendo em vista que as cidades, Santa Cruz do Capibaribe e Congo, estão respectivamente localizadas no interior dos estados de Pernambuco e da Paraíba, dessa maneira as rixas atingem os educandos, que ao tomarem brigas partidárias, por vezes oriundas da própria família e dos funcionários das escolas nas quais estão matriculados, não discutem de maneira saudável, desenvolvendo rixas e não compreendendo a importância de se debater uma área tão grande dentro da própria sociedade em que estão inseridos.



E essa mesma sociedade que não ensina aos jovens seus direitos e deveres básicos, cobra que os mesmo trabalhem, enfrentando uma rotina exaustiva de trabalho e escola, quando abordado o assunto, aqueles que precisam trabalhar explicavam ser cansativo e por vezes não conseguir conciliar escola com o trabalho, estando cansados, mas sabendo que precisam de ambos os ambientes, já que a renda de casa depende do que ganham com um trabalho informal e também desejam ingressar em algum curso, mesmo que por vezes ainda não tenham uma ideia de quais profissões seguir.

Outro ponto que foi extremamente perceptível; o fato de que para os jovens existem alunos modelo e os que não o são, ou seja, o aluno que realiza todas as atividades, que questiona apenas quando pertinente, que está sempre atento ao professor (a), esse é o aquele indivíduo que será o exemplo da turma, porém também pode-se notar que esse não é o modelo que os alunos desejam ser, embora o façam para atingir expectativas dos mestres, dos pais, da sociedade. Os estudantes demonstram que querem ser respeitados enquanto indivíduos, que tem identidade, e buscam alcançar esse respeito muitas vezes, através do que acreditam ser “normal”. Assim como foi comentado por um aluno de 1º ano, o mesmo diz:

Aluno 1, 15 anos, do 1º ano do ensino médio: [...] eu presto bastante atenção na aula, certo que isso não é mentira, faço as tarefas, faço tudo para que aquele professor esteja ciente de que eu quero alguma coisa da minha vida.

E dentro de tantas regras a escola renuncia ao lazer. Durante as entrevistas sempre que questionados sobre esse tema, era pedido para que se explicasse novamente, e antes que a explicação fosse concluída os estudantes tomavam a aula de educação física como o momento de maior liberdade, e foi a partir dessa pergunta e suas respostas que outras ideias de lazer foram sendo lembradas pelos entrevistados, para os alunos além da educação física, o estudo de artes e literatura são formas de divertimento, um momento mais descontraído, indicando assim que o aprendizado não está relacionado ao decorar fórmulas e leis, mas principalmente aquilo que traz prazer aos jovens, eles sentem um grande desejo de terem aulas em laboratórios próprios para disciplinas como química, física e biologia, sentem gana por utilizarem as novas tecnologias como uma forma de complementar as aulas, pois é o celular e a internet que os mesmos usam fora da escola e em seu cotidiano normativo.

CONCLUSÃO



Conclui-se assim, que a presente pesquisa conseguiu alcançar seu principal objetivo, o de conhecer a escola segundo seus protagonistas, professores e alunos, e ao ouvi-los compreender seus anseios, dúvidas, necessidades, reclamações, todavia há possibilidade de ampliar o projeto tendo em vista que há nuances entre seus atores e outras esferas da atual escola brasileira.

Foi possível perceber que existem diferenças, e que se entenda aqui rixas, entre os alunos, pois diversas vezes essa fala foi trazida à tona, sendo assim é interessante se pensar nos motivos que levam esses jovens a apresentarem uma rivalidade que os afete.

Como demonstrado, os alunos desejam um ambiente escolar que possa os ajudar a alcançar seus sonhos, e eles depositam esses ideais nos professores, na gestão, porém os jovens não estão satisfeitos, e a cada dia esperam por uma melhora. Como Corazza (2005) vem trazer:

“O aluno tem necessidade do reconhecimento de si [...] por isto, para ele são imprescindíveis a imagem e as palavras da professora, que podem ver, saber e dizer o que ele não pode, nem vê, nem sabe de si mesmo.”

Conclui-se assim, que há muito ainda o que se buscar para que a educação seja realmente libertadora das amarras tão presentes dentro de uma sociedade que apesar de esta no século XXI se comporta como uma sociedade do século XVI.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. Violar Memórias e Gestar a História: abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um "parto difícil". **Clio: Revista de pesquisa histórica**, Recife, v. 15, p.39-52, jun. 1994. Bional.

CORAZZA, Sandra Maria. **Uma vida de Professora**. Ijuí: Editora Unijuí, 2005

FRANÇOIS, Etienne. A fecundidade da História oral. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). **Usos & Abusos da história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. Cap. 1. p. 03-13.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Práticas e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). **Usos &**



COPRECIS
CONGRESSO NACIONAL DE
PRÁTICAS EDUCATIVAS

Abusos da história. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. Cap. 2. p. 15-25.

SILVA, Tomaz Tadeu da. O currículo como prática de significação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **O currículo como fetiche: A poética e a política do texto curricular.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006. Cap. 1. p. 07-29.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org.). Didática: Uma retrospectiva histórica. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Repensando a didática.** 26. ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2008. Cap. 2. p. 33-54.



COPRECIS
CONGRESSO NACIONAL DE
PRÁTICAS EDUCATIVAS